STACK
ANNEX
5
077
474

O MOSTEIRO DE SANCTA CRUZ DE COIMBRA

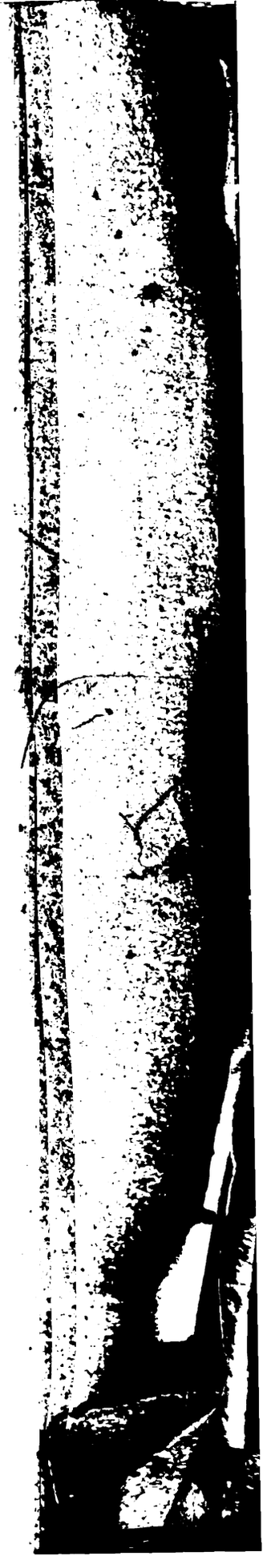
ANNOTAÇÕES E DOCUMENTOS

POR

Sousa Viterbo

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1890

O MOSTEIRO DE SANCTA CRUZ DE COIMBRA



O MOSTEIRO DE SANCTA CRUZ DE COIMBRA

ANNOTAÇÕES E DOCUMENTOS

POR

Sousa Viterbo, Francisco Marques de, 1845-1910

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1890

36-1752

Do presente opusculo, que originariamente foi publicado no *Instituto,* vol. XXXVII, fez-se uma tiragem de 81 exemplares, que não entram no commercio, dos quaes são:

Em pergaminho	1
Em papel do Japão	9
Em papel de linho	15
Em papel commum	56

Exemplar N.º 20

Ao seu am.º e collega Dr. Xavier da Cunha

offerece Sousa Viterbo

A

JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO

2118474

O MOSTEIRO DE SANCTA CRUZ DE COIMBRA

Um dos opusculos historicos mais raros da nossa litteratura é sem duvida a «Descripçam e Debvxo do Mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra», que da lingua italiana, ou antes, com maior probabilidade, da latina (1), traduziu o conego D. Verissimo do original composto por D. Francisco, prior de S. Vicente de Lisboa. Innocencio nunca o viu e confessa que nem sequer existe memoria do paradouro de qualquer exemplar (2). O auctor do *Diccionario Bibliographico* limita-se a transcrever a noticia que dá Barbosa, e, pondo em confronto o que se diz no 2.º e 3.º tomo da *Bibliotheca Lusitana,* infere que o grande bibliophilo, seu antecessor e guia, nunca tivera occasião de examinar o livro. A illação não é por certo concludente. A asserção de Barbosa, no 3.º tomo, é verdadeira. A obra foi realmente impressa em 1541, segundo se deprehende da inscripção final:

Conimbrie apud cœnobium divæ Crucis
Anno domini. M.D.XLI.

---

(1) *tyrei de lingua romana em a nossa materna,* diz o traductor. E' de crer que a *lingua romana* fosse o latim, então a lingua não só ecclesiastica, mas dos eruditos. E' o que se deprehende facilmente de outro trecho, no corpo da descripção, quando se refere ao costume dos estudantes de se servirem entre si das linguas classicas. «E a todos he oprobrio falar saluo em a lingoa romana ou grega, o que aos olhos dos caminhantes he hũ espectaculo de ver.» D. Nicolau substituiu *romana* por *latina.* Admira portanto que elle dissesse que a descripção fôra escripta em italiano, dando assim duas accepções á mesma palavra.

(2) D. Fr. Francisco de S. Luiz possuiu, ou logrou ver pelo menos, um exemplar. E' d'elle que tira directamente o trecho relativo a Joam de Ruam. Veja-se este nome na sua *Lista dos artistas.*

Barbosa guiou-se por ventura da primeira vez pelas indicações de D. Nicolau de Sancta Maria, que declara que a traducção se estampara em 1540, no mesmo anno em que a descripção fôra enviada a Roma. Esclarece que o prior D. Francisco se chamava D. Francisco de Mendanha. Emquanto ao traductor, *o irmam Verissimo,* não nos diz o chronista a que convento pertencia, mas vê-se evidentemente da carta preliminar, que justifica os motivos da traducção, que era tambem de S. Vicente. Não só é datada de *sam Vicente de Lixboa a XXI de dezembro de 1540,* mas ainda n'ella se lê o seguinte periodo confirmativo: «E esta (receita) gostei algũs dias em os quaes entre outros exercicios tirey de lingua romana em a nossa materna a descriçam que vos ẽuio do fœlicissimo & santo moesteiro cabeça de nossa congregaçam que o *nosso padre prior* emuiou em Roma com asaz elegancias e colores rethoricos ao cardeal nosso protector.» Por esta dedicatoria se verifica egualmente que não é verdadeira a affirmativa de que o traductor mettera mãos á obra a impulsos de D. João III; elle mesmo declara, e até em estylo por vezes allegorico e nebuloso, que o fizera para se distrahir dos achaques da ociosidade. E' molestia habitual de conegos; só ha para admirar a confissão ingenuamente sincera. Inutil como um conego, dizia Garrett, mas quantos mais inuteis ainda sem ser conegos!

Depois da carta do irmam Verissimo segue-se a dedicatoria de D. Francisco ao serenissimo e reverendissimo senhor Antonio Puc. presbitero cardeal do titolo dos sãtos quatro Coroados. É datada de S. Vicente a 4 de setembro de 1540 e n'ella se lamenta de ha mais tempo não ser informado dos intentos do cardeal, pois se soubera dos seus desejos quando estava em Coimbra, de mais perto e com o objecto á vista, podera mais fiel e mais perfeitamente delinear a sua descripção.

Estavamos persuadidos que o não encontrar-se nenhum exemplar da obra de D. Francisco seria perda pouco sensivel, lastimavel apenas sob o ponto de vista bibliographico, mas modificamos completamente a nossa opinião em vista do exemplar que temos

presente, unico talvez que exista e que é uma das preciosidades da livraria do nosso amigo o sr. Ferreira das Neves Sobrinho, que permittiu ao sr. dr. Deslandes, illustrado administrador da Imprensa Nacional, que d'elle tirasse uma copia para fazer uma nova e acurada edição, que ainda, até este momento, não se chegou a realisar (1). Bem sabiamos que D. Nicolau de Sancta Maria era merecedor de pequena confiança deante dos peritos em diplomacia e historia, mas não comprehendiamos que empenho ou que interesse fosse o d'elle em modificar ou alterar, já na letra, já no sentido, o texto que parecia reproduzido integralmente na sua *Chronica,* por isso que assim o dava a entender o grifado dos characteres typographicos. Enganamo'-nos, porém, e sentimos que o exame comparativo a que procedemos viesse em desabono dos creditos do escriptor augustiniano, confirmando assim o conceito que d'elle formava o austero João Pedro Ribeiro. Não só, sem previo aviso ou consideração de qualidade alguma, se alterou o texto no tocante á linguagem, mas cortaram-se passagens, alternaram-se e interpolaram-se outras, a ponto da verdade historica padecer consideravelmente, illudindo aquelles que, nas suas investigações artisticas e archeologicas, se fiaram em similhante testimunho. Ou D. Nicolau de Sancta Maria se serviu de uma copia viciada, o que não é todavia muito admissivel, ou, ao reproduzir o texto, julgou conveniente emendal-o em presença de alguns apontamentos e informações, accommodando a descripção ás metamorphoses por que o edificio já tinha passado n'aquella epocha. Fôra todavia muito mais regular e sensato que elle se limitasse a trasladar exactamente a descripção, annotando-a nos pontos que julgasse indispensaveis, como chegou com effeito a fazer com relação a alguns logares.

Uma interpolação importante temos a assignalar logo no começo, á entrada do edificio, como a prevenir-nos de que tenhamos toda a

(1) O exemplar, a que nos vimos referindo, está, infelizmente, falho de frontispicio.

cautela e usemos de toda a prudencia com as indicações do guia. D. Francisco é muito succinto no descrever o frontispicio da egreja e com duas pennadas nos pinta o famoso portal da majestade, hoje bastante arruinado nos seus lavores pelos estragos do tempo, e prejudicado na sua imponencia pelo alteamento do sólo fronteiro que o soterrou. D. Nicolau de Sancta Maria accrescenta de sua lavra: «Este Portal fez Mestre Nicolau Frãcez, & trabalharão nelle os tres francezes tambem grandes mestres, a saber Joaõ de Ruaõ, Jaquez Loguim, & Felipe Vduarte; que pera esta obra, & pera a das sepulturas dos primeiros Reys deste Reyno mandou vir de França o senhor Rey Dom Manoel de gloriosa memoria.»

Como se sabe, o chronista augustiniano serviu-se das Memorias de D. José de Christo, manuscripto que existe actualmente na Bibliotheca Publica Municipal do Porto (1), e foi ahi por certo que elle hauriu estes pormenores. É o que se infere das citações e referencias do mallogrado professor e archeologo, dr. Filippe Simões (2).

Os depoimentos historicos não abonam todavia esta opinião e reivindicam em favor da arte nacional e da arte peninsular uma parte da gloria que resulta da construcção de tão notavel edificio. É para extranhar que a *Descripçam* não mencione o nome de um dos principaes architectos, e, além de architecto, esculptor, Diogo de Castilho; mas maior extranheza nos deve causar que a *Chronica,* incriminada no mesmo silencio, ainda aggrave a culpa enumerando apenas artistas extrangeiros. Na Torre do Tombo existem tres documentos preciosos a respeito de Sancta Cruz, e, se não satisfazem completamente as exigencias actuaes da nossa curiosidade, não deixam todavia de lançar vivos raios de luz sobre a elaboração d'aquelle monumento. São tres cartas do vedór do mosteiro,

(1) João Pedro Ribeiro—*Observações diplomaticas,* pag. 81.

(2) Dr. Filippe Simões—*Archeologia conimbricense,* nos seus *Escriptos diversos,* publicados postumos, pag. 229.

Gregorio Lourenço (1), a ultima das quaes, muito desenvolvida, é uma especie de relatorio, dirigido a D. João III, em que se descreve o estado em que ficavam as obras por morte de D. Manuel. Na primeira das cartas ha notaveis referencias a dois architectos, Marcos Pires, o mestre da claustra do Silencio, e Pero Anes, o mestre das obras do paço, para onde depois se transferiu a Universidade. Pelas cartas de D. João III para o mesmo Gregorio Lourenço e para fr. Braz de Braga se vê o papel importante que desempenhou nas obras do mosteiro o abalisado architecto Diogo de Castilho. O mesmo monarcha enviou a Sancta Cruz o architecto Diogo d'Arruda para examinar o estado das obras. Um documento, que o visconde de Juromenha forneceu em extracto a Raczinski, e que nós publicamos adeante na integra, mostra-nos que Diogo de Castilho collaborara com mestre Nicolau na feitura e ornamentação estatuaria da porta da egreja. Outro documento do cartorio da Universidade de 1547 nomeia-o mestre das obras de alvenaria e pedraria da Universidade, como até *aqui foi das obras do mosteiro de Sancta Cruz* (2).

Penetrando na egreja, não deixa de ser sensivel a differença que encontramos entre uma e outra descripção, principalmente no que respeita ás capellas lateraes, que estão hoje, ao que parece, mui diversas do que eram então, tendo já sido modificadas ao tempo de D. Nicolau. Os frisos das capellas eram ornamentados com medalhões, que suppomos já não existem. D. Francisco menciona a capella dos Martyres, que não vem enumerada no chronista. Tanto esta, como a de Sancto Antonio, tinham retabulos de madeira dourada, ricamente esculpidos com grande

(1) Este Gregorio Lourenço, ou um seu homonymo, exercia o cargo de tabellião em Coimbra. Um instrumento de composição amigavel, existente no cartorio da Camara, foi feito, lido e outorgado a 9 de maio de 1520 pelo tabellião Gregorio Lourenço. Ayres de Campos—*Indice dos Pergaminhos*, pag. 62.

(2) Filippe Simões—obra citada, pag. 227.

numero de figuras. Emquanto ao côro é da inteira responsabilidade do chronista o attribuir a um mestre biscainho a construcção do arco.

Referindo-se á grade que dividia o corpo da egreja, diz D. Francisco de Mendanha que ella custou muito dinheiro e accrescenta uma circumstancia curiosa, omittida pelo chronista; e é q̃ *mais sente do moderno que do romano.* Quereria por ventura significar que era em perfeito estylo da renascença, á similhança talvez da que fizera, pela mesma epocha, mestre Bartholomé para a capella real de Granada? Gregorio Lourenço dá algumas informações sobre esta importante obra de serralharia artistica e salvou felizmente do olvido o nome de quem a executou. Antonio Fernandes foi esse mestre, até hoje ignorado. Coelho Gasco, classificando de sumptuosas as grades, diz que ellas tinham o seguinte letreiro: —*Hoc templum ab Alphonso Portugaliae primo rege instructum ac tempore pene collapsum, Regno succesore & actore Emmanuele restauraverit. Anno Natalis Domini MDXX* (1).

Na descripção da capella mór ha notaveis variantes. D. Nicolau apenas allude ao retabulo, emquanto D. Francisco amplia, dizendo: «ẽ o qual está a preciosa Cruz em o meio, tam alta como o natural, enderredor da qual como ancillas estam grande copia de figuras & misterios, assi de seu achamẽto per a santa rainha Elena, como de seu exalçamento per o ẽperador Eracleo.»

Um dos capitulos do opusculo de D. Francisco, que mais se aparta da chronica, é aquelle em que tracta da sepultura dos reis e que é por signal um bello trecho de prosa, que póde rivalisar com os melhores escriptos da epocha. Aqui se refere ao apparecimento divinal de Ourique, mas por modo bem differente das palavras que lhe attribue D. Nicolau. A Esopo chama Manuel Mendes da Vidigueira, seu traductor, *insigne fabulador grego;* ao chronista augustiniano bem poderia caber o epitheto de insigne

(1) Sobre este assumpto veja-se o artigo que publicámos no n.º 4, 2.º anno, abril de 1888, da *Revista Archeologica.*

fabulador lusitano. O prior de S. Vicente não cita o nome do artista que esculpiu os tumulos dos reis: D. Nicolau de Sancta Maria diz que elles foram obra de mestre Nicolau e seus companheiros francezes, João de Ruão e Jaquez Loguim. Ora é de notar que Gregorio Lourenço attribue a um unico artista a feitura da obra. Em 22 de julho de 1518 escrevia elle a el-rei: «E o mestre que faz os enterramentos pera os reix laura na obra e tem ja muita pedraria laurada.» Quatro annos depois—19 de março de 1522—participava que a empreza estava concluida: «Item, Senhor, mandou fazer dempreitada os enterramentos dos rreis. Estam acabados e pagos e os rreis enterrados nelles.» Quem fosse o mestre a quem se refere Gregorio Lourenço não o podemos assegurar ao certo, nem queremos aventar o seu nome em conjecturas mais ou menos plausiveis. Não deixa todavia de nos causar grave impressão a clausula de uma carta de D. João III para Fr. Braz de Braga (29 de janeiro de 1535), em que lhe notifica que deseja que se corrijam e aperfeiçôem as sepulturas dos reis e que para esse fim lá manda *mestre nicolaao*. Realisar-se-hia o intento de el-rei ou ficaria tudo em projecto? Se houve algumas modificações, não foram talvez muito importantes, ou, a sel-o, realisaram-se n'aquelle periodo, porque a descripção feita em 1540 e que nos transmittiu D. Francisco de Mendanha coincide com o estado actual dos tumulos.

A descripção da capella do Espirito Sancto é muito mais resumida na *Chronica:* D. Francisco de Mendanha todo se enleva na contemplação do retabulo, onde estava pintada, *segundo parece por mão de outro Apelles,* a descida do Espirito Sancto. Os orgãos d'esta capella não lhe merecem menos elogio, e são sobremodo encomiasticas as palavras de louvor que consagra á melodia das suas vozes e á riqueza de seus dourados, tão ricos elles eram, *que Judas se podera queixar por bem do muyto vnguento de ouro que em elles está derramado.*

Fallando do claustro, chamado do Silencio, D. Francisco de Mendanha é muito minucioso no tracejar dos quatro magnificos

retabulos, que o ornamentam e um dos quaes está hoje perdido. Dos restantes tiraram-se ha pouco reproducções em gesso, que se acham expostas no Muzeu de Bellas-Artes, ás Janellas Verdes. Allude ás oito sepulturas dos *canonicos,* que estão no mesmo claustro, mas *deixa de dizer d'ellas.* Emquanto ás capellas de Jesus, da Saudação, da Visitação e da Annunciação, quasi tambem só fez referencias. Somos levados a crer que as oito sepulturas dos *canonicos* (circumstancia omittida por D. Nicolau) são outras tantas capellas, que, com as quatro designadas perfazem as doze a que se refere Gregorio Lourenço, na sua carta de 28 de janeiro de 1518, quando diz que Marcos Pires tem já doze capellas da crasta fechadas.

Do *Capitolo* tambem D. Francisco faz brevissima menção e apenas diz que no altar *delle jaz o corpo do bemauenturado santo Theotonio, santo canonisado, que foy primeyro prior deste moesteyro.* Nicolau de Sancta Maria accrescenta por sua conta e risco: «He esta capella muy bem laurada de pedraria, que a fez com todo o primor que a Arte pedia Thomé Velho famoso architecto d'aquelles tempos.» Onde se baseou o chronista para esta asserção não nos é dado adivinhar, mas talvez não nos enganemos conjecturando que Thomé Velho fôra o architecto que em 1582, no priorado de D. Pedro de Assumpção, fizera a capella de S. Theotonio, que suppomos ser hoje a existente (1). Por emquanto ainda não encontrámos em nenhuma parte menção d'este artista e por isso se nos torna difficil resolver satisfactoriamente o problema.

Ao tractar da capella do refeitorio é digna de todo o apreço a descripção que D. Francisco nos dá do apostolado, na ultima ceia; bella composição, formada de *treze imagens de barro cozido divinissimas e que parecem de grande valor.* D. Nicolau supprimiu esta circumstancia importantissima e desprezou uma passagem interessante pelo sentimento artistico e pelo sentimento litterario.

De outra mutilação temos ainda a accusar n'este mesmo trecho

(1) D. Nicolau de Sancta Maria—*Chronica,* tomo 2.°, pag. 367.

a D. Nicolau, que achou talvez indigno trazer a publico os segredos da culinaria conventual. Juncto do refeitorio menciona D. Francisco a existencia de uma casa dependente da cosinha, onde se guardavam os instrumentos do serviço das mezas, e entre elles uns ingenhos chamados *Verletes,* que em lingua franceza quer dizer servidores, os quaes são de ferro limado e brunido e mui leve: «Estes—accrescenta o mesmo escriptor—sam feitos per tal traço que leua hũ seruidor cõ hũ delles noue pitanças, õde sem elle nõ podia leuar mais de duas, em modo que quatro canonicos cõ cada hũ seu destes verletes servẽ a mesa a setẽta, tam prestes como sem elles poderiam servir a dez, que he cousa admirauel de uer.» De ver e fazer crescer a agua na bocca. E vangloria-se o seculo XIX da vertigem dos seus progressos, quando já no seculo XVI os frades tinham inventado a rapidez das communicações entre a cosinha e o refeitorio! Convençamo'-nos que a doutrina do utilitarismo nunca se practicou tão bem como nos conventos. E D. Nicolau com pejo de a revelar!

O paragrapho relativo á distincção das obras mandadas fazer por D. Manuel e por D. João III é todo da inventiva do chronista.

Tractando do claustro da Manga e das capellas que n'elle existem, cita D. Francisco pela primeira vez o nome de *Joam de ruã,* dizendo que elle e *outros grandes officiaes* fizeram os retabulos das mesmas capellas. D. Nicolau entendeu que era de mais a companhia e attribuiu toda a obra a mestre João de Ruão (1).

---

(1) João de Ruão permaneceu em Coimbra e ahi se estabeleceu, formando familia. N'um manuscripto citado por Filippe Simões, uma especie de tombo do mosteiro de Sancta Maria de Cellas (vide *Escriptos diversos,* pag. 232), vem indicação de um praso feito em 1553, em Algeara, a João de Ruão, imaginario. Em 1572 o convento de Sancta Cruz comprou umas casas a um João de Ruão para a edificação do Collegio de Sancto Agostinho (D. Nicolau—*Chronica,* parte 2.ª, pag. 377). Seria o mesmo que o antecedente ou algum seu filho? Na historia da arte portugueza figuram mais dois artistas do mesmo appellido, parentes ou pelo menos patricios de João de Ruão—Jeronymo e Simam. Jeronymo foi architecto

Sobre uma das quadras da mesma claustra estava a officina typographica dos conegos regrantes, e são do mais alto interesse para a historia d'aquella arte em Portugal a descripção e inventario que da mesma officina nos apresenta, embora em resumo, o esclarecido auctor do debuxo do mosteiro. D. Nicolau amputou, com indesculpavel barbarismo, este trecho, que, aliás, redundava em gloria para a sua corporação.

Poderiamos levar ainda mais longe o nosso confronto, mas os logares que temos parallelamente examinado são de sobra para produzir no espirito do leitor a certeza de que o trabalho que D. Nicolau reproduziu na sua *Chronica* como oriundo da penna de D. Francisco de Mendanha está muito longe de corresponder ao original sahido dos proprios prelos de Sancta Cruz no anno de 1541. O chronista augustiniano cerceou, ampliou, alterou a seu talante, modificando não só na fórma, mas até no sentido, não só na contextura litteraria, mas na contextura historica. E por certo que a *Descripção* do prior de S. Vicente, trasladada por D. Verissimo, era digna, por mais de um respeito, de maior consideração, por isso que, apezar do fundo sabor alatinado de que está inquinada, póde competir, em estylo e linguagem, com alguns

---

da infanta D. Maria e fez a capella da Senhora da Luz; Simam, architecto militar, serviu na India no tempo de D. Luiz de Athayde.

Na Noticia historica que vem no final do Compromisso da Misericordia de Coimbra, lê-se a seguinte indicação a respeito de João de Ruão:

«Os Retabolos, e mais obras desta Casa parece fazer (sic) aquelle grande mestre João de Ruão, como se mostra de huma quitação sua, que está no livro velho dos acordos fl. 10 em 11 de setembro de 1549.»

E' curioso que *ruão,* na antiga linguagem significava cidadão. Isto diz Fernão de Oliveira na sua *Grammatica* (2.ª edição, pag. 80), referindo-se á traducção portugueza da *Historia geral* de Affonso o Sabio.

Um dos esculptores, que cinzelaram o magnifico tumulo do cardeal Georges de Amboise, arcebispo de Rouen, chamava-se Jehan de Rouen. O tumulo foi começado em 1520 e terminado em 1525. Que relação haveria entre este artista e o que trabalhou em Portugal? Veja-se Felix Clement —*Histoire abrégée des beaux-arts*. Paris, 1879, pag. 339 e 340.

dos melhores escriptos do seculo XVI. A reproducção integral d'este opusculo é portanto um serviço eminente prestado á litteratura e egualmente á archeologia, que tem andado até agora desnorteada pelas interpolações de D. Nicolau.

Não quer isto significar que o opusculo de D. Francisco de Mendanha seja um roteiro de primeira ordem e uma monographia completa, tal como a poderia escrever na actualidade um escrupuloso e erudito investigador. Se o auctor, porém, nos prestou um serviço escrevendo o seu debuxo, não lhe paguemos com a moeda do desdem, nem lhe mostremos o nosso reconhecimento exigindo d'elle uma cousa que era superior ao seu intento e ao criterio da sua epocha. Os documentos contemporaneos, que ainda restam e que nos são conhecidos, completam até certo ponto a obrasinha do prior de S. Vicente, embora não dissipem todas as duvidas nem a esclareçam tanto quanto fôra para desejar. As cartas de Gregorio Lourenço, relatando diversas phases da obra do mosteiro, apresentam lacunas e entrelinhas que não nos é dado preencher, mas ainda assim são testimunhas visuaes e authenticas, cujos depoimentos devemos escutar com o maximo interesse e attenção. Que pena que se tenham perdido ou se não saiba o paradouro dos livros, em que elle tinha assente a fazenda da sacristia e o que se ia dispendendo com a reconstrucção grandiosa do mosteiro!

Ás cartas de Gregorio Lourenço junctamos mais tres documentos officiaes tirados da Torre do Tombo, relativos a Diogo de Castilho, e que são pela primeira vez publicados na integra. Poder-se-hiam tambem accrescentar as curiosas noticias que se encontram na importante correspondencia dos reis D. Manuel, D. João III e infante D. Henrique ácerca das obras de Sancta Cruz, mas julgamol-o superfluo, por isso que essa correspondencia acha-se já publicada no *Instituto* pelo distincto archeologo, o sr. dr. Ayres de Campos, e a ella poderão recorrer os curiosos.

A collecção documental, que inserimos em seguida, parece-nos ser o melhor commentario á «Descripçam e Debvxo do Mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra».

DOCUMENTOS

I

Carta de Gregorio Lourenço, vedor das obras do mosteiro de Santa Cruz, dando conta a el-rei D. Manuel de algumas cousas do seu serviço, e do andamento das obras n'aquelle mosteiro.

Senhor. — O vedor do mosteiro de santa cruz faço saber a V. A. que os dias pasados lhe esprevi alguũas cousas de seu seruiço. E porque nom sey se a carta lhe foy dada, a torno a espreuer nesta. E digo que eu tenho duuida com o rendeiro sobre os mantymentos que he obrigado de dar a casa per as condições de seu arrendamento. E sobristo esprevi largamente a V. A. e lhe emviey o trellado dos arrendamentos, e as duuidas apontadas, e o que me parecia, e tudo foy dado ao sacretario, sendo V. A. em hevora, e porque isto relleva muyto peço a V. A. que o determine. E asy senhor esprevi a V. A. que mandase as provisões peracabar a demarcaçom das terras que ho mosteiro tem nas comarquas da beira, e nom vierom.

E asy senhor esprevi a V. A. que a clausura dos conegos se mudou pera huum portall questa debaixo do cilleiro, e alli fiz huũas muyto boas portas que o prior fecha cada noite com chaue, e asy mandey çarrar huum portall que afonso diiz fez no muro da orta pera fora con pedra e cal, e mandey çarrar huum portall per honde se seruia a pataria e a masaria, que estaua dentro nesta clausura, e abri outra porta pera a primeira crasta ondesta a porta, a que stam os dous porteiros frades, e per alli se serue a pataria e a masaria sem entrar na clausura dos conegos senom elles e seus seruidores, e nesta primeira crasta pousão agora

*

todollos frades, senom ho adegueiro que pousa junto com hadega honde sempre pousou, e as casas do prellado e da orta, e asy as dos frades que alli moravom repartirom os conegos antre sy e pousam nellas, e a meu parecer estam muy bem apousentados. E quanto aas hobras. s. da pedra que traz muy bõo abiamento nesta maneira. Marcos Pires traz agora cinqoenta oficiaes e xx criados, tem ja doze capellas da crasta fechadas e todollos arcos perpianhos e os formalotes de tres quadras da dita crasta, e pedra laurada que me parece que ha bastara pera acabar e segundo a pressa que lhe dão sera abobada da crasta toda çarrada até pascoa. E pera a grillanda ha y muyta pedra laurada e ja compeça de llaurar a pedraria para a capella que hade estar sobre a fonte de d. Paio Goterrez. E tenho lançado o sobrado na casa que está sobre a sacristia pera apousentamento do sacristão, e nom se allevantarom ainda as paredes por o tempo que ategora choveo. E como cessar logo se acabará e mudar seha pera alli ho sacristão com a fazenda e cousas da sacristia. he feita a escada do dormitorio e ladrilhado mais das duas partes delle e o carpinteiro tem feitos todolos paynos dos leytos e concertada a madeira pera elles. Porem huma das paredes do dormitorio, a saber, a que está defronte da porta do cabido habrio hum pouco do sobrado pera cima e a causa disto foi a parede ser muyto velha e estava ja aberta por tres ou quatro lugares e estando asi quando agora meterom nella os formalotes da abobeda da crasta, atroarom-na e abryo mais hum pouco. E chamei logo Pere anes mestre das obras dos paaços e com seu comselho e de marcos pirez e de outros oficiaes a fiz apontoar e dizem que lhe parece que depois que a habobeda for fechada e emtulhada e o madeyramento de çima corrigido que ficará segura. Ho mestre do rretabollo veio de sevilha ha seis dias e posse llogo em som dacabar dassentar o rretabollo grande por que tem lavrada toda a madeira delle. E ja começa de serrar e aparelhar a madeira para os retabolos dos outros altares honde ham de estar as relliquias dos martires e para o sacrario e cadeiras. Ho

vidreiro nõ veyo inda para assentar as vidraças. Eu mandey a medina pollos purgaminhos pera os liuros e tombos que vossa alteza manda fazer e tenho aqui sessenta duzias e concerto feito com hum mercador que me hade trazer quantos forem neçessarios. E tenho feito hum liuro e assentado nelle toda ha fazenda da samxpta (samcristia) e outro liuro para a despesa em maneira que daqui adiante andará isto em boa ordenança. Sprita de coimbra XXVIII de janeiro de 1518.

Gregorio Lourenço.

Agora senhor assentam as mesas no refeitorio. Parece que até á coresma acabarom de as assentar. (1)

II

Carta de Gregorio Lourenço a D. Manuel acerca do paul d'Anquinhos e das obras do Mosteiro de Santa Cruz

Senhor. — Ja esprevi a V. A. a deligencia que fezera sobre o abrir do paul danquinhos o grande que me V. A. mandou que abrisse segundo estaua ordenado e declarado em huum auto que sobr iso fez o C^or^ sueiro mendez com certos valladores, o qual auto me emviou pera per elle me reger. E asy lhe esprevi o que pera esta obra era necesario e certos avisos doutras cousas de seu seruiço e proveito deste casa, de que tenho grande necessidade da reposta, e das provisões que naquella carta pidia, a qual foy dada a dom garcia estando V. A. em simtra.

E segunda feira XIX dias deste mes do julho comecey d abrir a valla que se no dito paul avia d abrir que ha de ir do arco da ponte do barco ao longo da ponte e do monte atee as ortas de

(1) Archivo Nacional — *Corpo Chronologico.* Parte primeira, Maço 23, Doc. 10.

monte moor, que tem de comprido setecentas e duas varas, e foy orçada pello mestre das vallas e valladores que ho corregedor alli levou que custaria esta valla nova a abrir da maneira conteuda no dito auto $\overline{lxx}$ (setenta mil reis) afora os corregimentos e repairos que se am de fazer nas outras vallas velhas segundo no dito auto se contem. E porque vosa Alteza mandou a nicullao leytam R.^{or} (recebedor) que pera começar esta obra me dese $\overline{xxx}$ (trinta mil reis) soomente, peço a vosa alteza que lhe mande que tanto que se estes gastarem me de mais dinheiro asy como se for merecendo na obra atee se acabar, porque nom ha mais tempo pera se bem fazerem vallas que agosto e parte de setembro. E por o tempo ser pequeno e a obra grande he necesario meter muyta gemte, e como nom tever dinheiro pera lhe pagar hir se a e cesara a obra, nom somente se perdera o proveito do paull, que he o fim pera que se isto faz, mas ainda se perdera o que teuer feito, porque as vallas como nom sam de todo acabadas e correntes muyto em breue se tornam a çarrar.

E parece-me senhor que fazendo se esta valla nova que ja tenho começada e repairando-se as outras vallas velhas como no dito auto se contem, que o dito paull secara de todo e dara muyto proveito.

E quanto as obras deste mosteiro he assentada mais da metade da obra da grillanda. E asy he acabada a torre do meyo que esta sobre a porta prinçipal do mosteiro e a outra torre do cabo que esta da parte direita com suas cruzes em cima da maneira que estam na mostra debuxados. E a outra do outro cabo se acabará esta somana que vem. E as abobedas da crasta estam todas çarradas da balsoaria somente huũa d hum canto que nom he inda acabada de çarrar. E começam de as entulhar e allevantar os peitoris ao redor. E tanto que forem emtulhadas se veram as paredes do dormitorio que abriram o corregimento que averam mister, porque antes disto se nom pode ver como ja esprevi a vossa alteza. E marcos piriz trabalha bem e traz ategora na obra oficiaes que abastam, e laura na pedraria das outras capellas

da empreitada derradeira sobre que ha d estar a liuraria e cartorio.

E o mestre do retabollo tem acabado o sacrario e as cadeiras e tudo asentado e ja o bispo as veyo ver estam muyto bem, e ja laura nos rretabollos que andestar nos altares de fora. E o mestre que faz os enterramentos pera os reix laura na obra e tem ja muyta pedraria laurada. esprita de coimbra a XXII de julho de 1518.

Grigorio Lourenço (1).

III

Carta de Gregorio Lourenço a D. João III dando-lhe conta minuciosa do estado das obras do Mosteiro de Santa Cruz

Senhor. — Recebi huũa carta de V. A. per que manda que muy certificadamente lhe espreua o que el Rey seu padre que santa gloria aja tynha mandadas fazer neste moesteiro de Santa ✝ (Cruz), e o que de cada huũa dellas he feito e está pera fazer e acabar. E o que he dellas pago e se deue. E asy quaes sam as que de necesidade se devem acabar e nom se podem escusar se fazerem: e que declaradamente per minha carta lho espreva pera com minha reposta mandar o que ouuer per bem, etc.

Digo, Senhor, que el-Rey voso padre que santa gloria aja, allem das obras que antes da morte do bispo estauam acabadas neste mosteiro, mandou fazer huũa grilanda de pedraria ao rredor de todo ho corpo da egreja per cima das abobedas della, e das torres que estam pegadas na dita egreja de cinquo palmos dalto, afora muitos pillares e amortidos que sobem acima segundo a mostra que se pera yso fez. E asy mandou fazer dabobeda de

(1) Archivo Nacional — *Corpo Chronologico*. Parte primeira, Maço 23, Doc. 86.

pedraria a crasta do moesteiro que dantes era de madeira velha e muyto podre. E ladrilhar per cima toda abobeda desta crasta, e ametade della que sam duas quadras mandou que fosse cuberta e ficasse varanda forrada per baixo de bordos, e as outras duas quadras ficassem descubertas, por nom tolherem o lume a capella moor e ao rrefeitorio. Tudo isto foy dado denpreitada e tudo esta acabado e pago.

Item. Senhor, mandou lagear o corpo da egreja e de sam Joham e o pateo da crasta, etc. Tudo esta acabado e pago.

Item. mandou fazer dabobeda huua capella de san tehotonio primeiro prior deste moesteiro, e outras duas de sam miguel junto della, e em cima destas capellas mandou fazer a liuraria e o cartorio. Tudo esta feito e pago.

Item. Senhor, mandou correger o dormitorio que estaua pera cayr e fazer nelle xxx leitos e huũa chamine. Esta tudo feito e pago.

Item. Senhor, mandou acrecentar o rrefeitorio e fazer os rrespaldos e mesas nelle de novo, e que se fezessem as frestas pera lume necessarias. Esta tudo feito, soomente huũa fresta grande que esta toda pedraria per ella laurada e a grade de ferro feita, que nom falta senom asentalla e he muyto necesaria. D'esta nom se paga senom a grade de ferro que a de ter, ho mais a de ser pago per avalliaçom doficiaes.

E todallas ditas capellas sam lageadas e guarnecidas e tilhados de canudo, e acabados e pagos.

Item. Senhor, mandou fazer dempreitada os emterramentos dos rreis. Estam acabados e pagos e os rreis enterrados nelles.

Item. Senhor, mandou que fezessem huũa grade de ferro grande que atravessa o corpo da egreja de xxv palmos dalto com seu coroamento, e ao rredor das sepulturas dos rreix a cada hũa sua grade de ferro, segundo forma dhum contrato e mostra que pera ysso se fez. Estam estas grades feitas e asentadas, e pago tudo o que montar na obra dos pillares e barras das ditas grades, porque disto avia daver pagamento a rrazom de dous mill reis

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
A 000 073 607 4

por quintal asy como fosse entregando ha obra. E do coroamento das ditas grades que lhe ade ser pago per avalliaçam nom tem rrecebidos mais de cinquoenta mill reis, que ouve dante mãos quando começou a obra, que lhe am de ser descontados no fim de toda hobra segundo mais compridamente vay em huũa certidam que antonio fernandes mestre da dita obra diso levou pera amostrar a V. A. E nom se pode saber o que desta obra he devido atee o dito coroamento d'estas grades ser avalliado.

Item. Senhor, mandou fazer huũ pulpeto; esta feito e asentado ho peitoril sobre sua rrepresa: dalli pera cima esta huua baraqua honde estaua ordenado se fazer huum portalinho com huũa chanbrana em cima da obra do peitorill e rrepesa. Isto, Senhor, que esta feito dizem esses que ho vem que em espanha nom ha peça de pedra de melhor hobra. Deste sam pagos vinte mil reis e ade ser pago per avalliaçom doficiaes. Este pulpeto he necesario ser acabado da maneira que V. A. ouver por seu seruiço.

Item. Senhor, mandou fazer o rretabollo da capella moor e nas ilhargas, a saber, na parte do avangelho outro rretabollo pequeno honde adestar ho sacramento, e da outra parte da mesma guisa em que stam as cadeiras dos prestes. E outros dous Retabollos pequenos nos dous altares que stam de fora da capella moor junto dos enterramentos dos rreix, em que andestar as rreliquias dos marteres, todos de bordos. Estam acabados e pagos, e nom estam pintados.

Item. Mandou fazer huũa sepoltura pera o prior dom Joham, e outra pera o bispo prior, e sam acabadas e pagas, e a ossada do bispo emterrada na sua, e a de dom Joham nom foi imda enterrada na sua sepoltura porque nom sey como ho marques e seus irmãos querem que se faça seu enterramento.

Item. Mandou fazer quatro casticaaes de prata de XXI marcos cada hum pera os altares dos marteres, e duas allampadas, de XXX marcos hũa, e outra XXXIII pera os ditos altares. Sam acabados, pagos e entregues ao sacristaão do moesteiro.

Item. Mandou sua A. fazer na crasta do moesteiro huũa fonte

denpreitada e em cima huũa capellinha de pedra branca: he feita e paga.

Item. Senhor, mandou sua A. fazer huũa cruz grande de prata pera este moesteiro de cem marcos, e todos os cem marcos de prata sam dados e entregues a eytor gonsallves ourivez de lixboa: e tem feita ha mayor parte ou toda. Do feitio nom ouue pagamento nenhum do moesteiro ategora. Esta, Senhor, he necesario acabar-se.

Item. Senhor, mandou que se fizesse huũa imagem de prata doutra que no moesteiro avia mal feita, e foy dado a pero gonsallves ourivez desta cidade de Coimbra ha quatro annos sesenta marcos de prata e nom tem feito ategora nella maes que tirada a prata em pasta e feito ho vulto da imagem da grandura que ha de ter: deue-se dacabar.

Item. Mandou que se fezesem duas tumbas de paao de tres palmos de llongo e dous dalto, em que steuessem as rreliquias dos marteres nos sobreditos altares, e que fossem forrados de fora de prata de muyto boa hobra. E pera estes forros tem Joham Rüz, (Rodrigues?), ourivez do senhor cardeal oytenta marcos de prata porque tantos se achou que aviam mester: e do feytio nom tem nada: e tem nisto muyta hobra feita e deue se acabar.

Item. Senhor, hera dado denpreitada a pintura do rretabollo grande da capella moor a christouam de figueiredo; nom tynha do moesteiro nenhum dinheiro. Este, Senhor, e os outros rretabollos he necessario serem pintados.

Item. Senhor, tynha sua A. mandado que se fezessem dous casticaes de prata grandes, do peso dos outros atras, pera o altar moor: pera ysto se nom deu prata nem dinheiro: sam necessarios porque nom ha senom huns casticaes pequenos.

Item. Senhor, era mandado que se fezesse huũa estante grande pera o meyo do coro, e porque nom havia bordos se nom fez, e he muyto necessaria.

Item. Senhor, avia neste moesteiro huũa custodia de prata

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
A 000 073 607 4

com vidros, e sua A. que santa gloria aja ha mandou leuar a llixboa ao thesouro com outra prata deste moesteiro, pera se fazerem della outras obras pera o moesteiro, e dizem que ha mandou a India. He, Senhor, muyto necessaria pèra as festas do corpo de deus.

E asy, Senhor, tynha sua A. ordenado mandar fazer o portall da porta principal d'este moesteiro, e meter huus arcos de pedra branca per debaixo doutros velhos de pedra chaboucados e muyto mal feitos que estam no cruzeiro velho desta egreja. E tudo, Senhor, parece necessario se fazer, porque sam cabos da obra e em quanto se nom fazem sempre a obra esta por acabar, e o que sta feito nom parece nada.

E asy, Senhor, tinha mandado que nas frestas do dormitorio e rrefeitorio se posessem vidraças: as quaaes já estam neste moesteiro, porem nom sam postas nem ho vidreiro tem dellas nenhum dinheiro, e sam necessarias.

E tynha mandado que madeirasse e tilhasse a torre grande do apousentamento dos priores porque esta apontoada pera cair e se cayr, allem de se perder a telha e madeira dos tilhados que hora tem, perder se am tres sobrados de muyto boa madeira, e hobra que tem, a saber, tres andares de sobrados e em cada andar tem muytas casas grandes e boas e nom falta senom mãos doficiaes e pregadura, porque ja tenho aqui na obra toda a madeira. He necessario fazer se e custará pouco.

Item. Senhor, a rrequerimento do convento mandou sua A. que lhe esprevesse quanto custaria a trazer a este mosteiro ha agua de tres fontes que stam acima deste moesteiro per canos como dantes a elle soya a vyr. E co a rreposta que lhe eu emviey Sua alteza spreueo ao convento que acabadas as outras obras ha mandaria vyr ao moesteiro. Estagoa, Senhor, tambem he necessaria.

Item. Senhor, o bispo prior que Deus aja tynha mandados fazer e pagos segundo ouvi tres Retabollos pera este moesteiro, a saber, hum pera a capella de sam Joham, outro pera o capi-

tollo, outro pera enfermaria, e todos estam nessa cidade de lixboa e symon de matos e afonso dyz (Diniz ou Domingues?) sacretario do senhor cardeal sabem honde stam e que sam pagos. Sam qua muyto necessarios, porque as ditas capellas nenhuũa dellas nom tem Retabollo.

E asy mandou sua A. dar huum Rellogio pera este moesteiro e a tres anos que sta em cascaaes e nunca veyo.

E asy, Senhor, estava hordenado se fazerem huuns horgoos neste moesteiro, porque os que nelle estam sam muyto piquenos e velhos que nom vallem nada.

Nosso Senhor goarde e comserve a vida e estado rreal de V. A. a seu seruiço. Sprita de coimbra XIX de marco de 1522.

Greg.º l.ᵒ (Gregorio Lourenço).

IV

Carta regia nomeando Diogo de Castilho mestre das obras dos paços reaes de Coimbra

Dom Joam etc a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que confiando nos de Diego de Castilho pedreiro irmão de Joam de Castylho que nesto seruirá bem e fielmente como compre a seruyço de deus e noso e a bem das partes pertence e querendo-lhe fazer graça e merce temos por bem e o damos ora daquy em deante por mestre das obras dos nosos paços de Coimbra asy e pela maneira que o ele deue seer e o era Marcos Pires que faleceo: com o qual carguo nos praz que haja de mantimento em cada hum ano tres mil reaes no noso almoxarifado de hy. E porem mandamos ao noso almoxarife da dita cidade de Coimbra que em cada hum ano lhe pague os ditos tres mill reaes per o trelado desta nosa carta sem mais tirar outra de nosa fazenda e por o trelado dela no livro de sua despesa e conhecimento do dito D.º Castilho mandamos que lhe sejam leuados em conta. E aos nosos veadores da fazenda que por lembrança lhos façam asentar

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
A 000 073 607 4

no livro dos jeraees della. O qual Diogo de Castilho jurou em a nosa chancellaria aos santos avanjelhos que bem e verdadeiramente sirua o dito oficio guardando o seruiço de deus e noso e as partes seu direito. E pagou dordenado dela nella mill e quynhentos reaes. Dada em Evora a sete dias dabril Alvaro Neto a fez anno do nacimento de noso senhor Jesu Christo de mill e quynhentos e XXIV. (1)

Á margem tem a seguinte verba:

Diogo de Castilho conteudo nesta carta renunciou per licença delrei o ordenado que havia em Maria dazeuedo sua neta filha de Hieronimo de Castilho freira professa no moesteiro das cellas de Coimbra a qual se pasou provisão pera os hauer de janeiro de b^c^lXXIII em deante. Christovão de Benavente.

Este documento acha-se transcripto, com pequenas variantes ortographicas, no livro 14 da mesma chancellaria, folhas 70 verso. Tem, comtudo, a seguinte apostilla:

«E prazme que ho dito Diogo de Castilho aja mais de mantimento cada anno dous mill reaes de janeiro que vem de b^c^XXVIII em deante alem dos ditos tres mill reaes aquy contheudos asy que havera cinco mill reaes e havera deles pagamento neste almoxarifado asy e do propria forma modo e maneira que até aqui ouue os ditos tres mill reaes. Antonio Paes a fez em Coimbra a XXIX dias de novembro de Tb^c^XXVII (1527).»

V

Carta regia permittindo a Diogo de Castilho andar de mula e faca

Dom Joham etc faço saber a todos os meus corregedores juizes e justiças oficiaes e pessoas a que esta minha carta for mostrada

(1) Archivo Nacional — Livro 37 de D. João 3.°, folhas 22 verso.

e o conhecimento della pertencer que eu ey por bem dar logar e licença a Dioguo de Castylho mestre das obras dos meus paços de Coimbra pera andar em mulla e faca sem embarguo do nõ ter cauallo e de minhas hordenações em contrairo. Porem vollo notifico asy e vos mando que ho deixes asy andar na dita mula e faca sem lhe a iso ser posto duvida nem embarguo algum porque eu lhe dou a dita llicença como dito he. Escripta em Coja a desoito dias de setembro Bastião da Costa a fez de mill b^e^ XXVI. (1)

VI

Minuta d'um alvará sem data para que Nicolao Leitão, recebedor das rendas do priorado de Santa Cruz, pague cem cruzados de ouro a Diogo de Castilho e a mestre Nicolau pelas estatuas do portal do mesmo mosteiro.

Eu el Rey mando a vos nicollao leitam Recebedor das Rendas do priorado de santa ✝ de coimbra e ao sprivam de voso oficio que do mais prestes dinheiro que teuerdes Recebido ou Recebedes das ditas Rendas dees a diogo de castilho e a mestre nicolao pedreiros e empreiteiros do portall do dito moesteiro cem cruzados douro que lhe mando dar pera fazerem as ymagẽes que estam por fazer no dito portall e ysto allem do que ja tem Recebido da sua empreitada, dos quaees lhe fazee bõo pagamento. s. (scilicet) loguo como este vos apresentar ametade e a outra metade por natal que ora vem. e por este aluara e seu conhecimento e certidam de como fica asentado em seu contrauto que lhe sam em vos despachados estes cem ✠ (cruzados) mando aos contadores que vollos leuem em conta. feito... (2).

---

(1) Archivo Nacional — Chancellaria de D. João 3.°, Livro 12, folhas 117 verso.

(2) Archivo Nacional — *Cartas missivas,* Maço 1, n.° 395.

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
A 000 073 607 4

VII

Quitação de João de Ruão á Misericordia de Coimbra (1)

qujtaçam de João de Ruaom

Aos xj dias do mes de setẽbro de mil e q'nhẽtos e corẽta e noue anos ẽ a casa do cõselho da mja desta cidade de Cojmbra estãdo ahi o sr Simão de Saa pue^{dr} da dita cõfraria e bẽ asi y^{o} do Ruão e p q̃ o dito y^{o} de Ruão tinha fej^{tas} obras ẽ a dita casa da mja de q̃ lhe são fei^{tos} cõtratos . s . as capellas e retavolos e *bãcada* (?) e foy logo fej^{ta} cõta p^{r} os livros e papes da dita cõfrarja cõ o dito y^{o} de Ruão e fei^{ta} a dita cõta se achou q̃ o dito y^{o} de Ruão tẽ Recebido da dita cõfraria cjncoẽta e sete mil e quatro cẽtos e vinte rs e o t'go e ceuada e azejte e asi tẽ mais Reçebido o tgo e v^{o} q̃ lhe a cõfrarja hera obrigada a dar e fej^{ta} asi a dita cõta lhe ficava devẽdo ha dita cõfraria quatro mil e quinhẽtos e outẽta rs os quaes logo o dito y^{o} de Ruão Recebeo da dita cõfraria p m^{te} martinho Jrmão da dita casa p o q̃ todo o dir^{o} q̃ o dito y^{o} de Ruão tẽ Recebido soma sesenta e dous mil rs e o tgo e v^{o} q̃ lhe herão obrigados a dar p^{r} as ditas obras e p^{r} o dito y^{o} de Ruão *ser* (?) pago de tudo o q̃ avia de aver das ditas obras deu

(1) Depois de entrado no prelo o nosso trabalho, foi-nos ministrada copia d'este documento encontrado pelo sr. dr. Sanches da Gama no Archivo da Misericordia. A elle se refere o respectivo *Compromisso,* do qual possuimos a edição de 1747. Pedimos a um distincto cavalheiro, habilissimo antiquario, o obsequio de procurar esse documento, mas n'essa occasião não lhe foi possivel alcançal-o. Felicitamo'-nos com o achado, e agradecemos a fineza que nos permitte que pela primeira vez seja aqui dado a publico.

SOUSA VITERBO.

p^r q'.te e liure a dita cõfraria e acabara *(acabará)* de faz^r o cruçifixo digo q̃ fara o Remate sobre o p^rtal e não fara o cruçifixo e ẽ testimunho de verdade eu g^co de Resende stp^vão fiz esta q'tação e asinão aq' eu stp^vão acejtej ẽ nome da cõfrarja g^co de Rsde o stpvi.

Joham
de Rouam

Symão de saa *g.º De Rsde.*

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
A 000 073 607 4